

Peregrinas e Peregrinos da Trindade

Henrique Peregrino da Trindade

Peregrinas e Peregrinos da Trindade

LETRCAPITAL

Copyright © Henrique Peregrino da Trindade, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Rita Luppi

PROJETO GRÁFICO Jenyfer Bonfim

CAPA Henrique Peregrino da Trindade

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

T753p

Trindade, Henrique Peregrino da
Peregrinas e peregrinos da Trindade / Henrique Peregrino da Trindade. - 1. ed. - Rio de
Janeiro: Letra Capital, 2023.
336 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7785-848-4

1. Espiritualidade. 2. Comunidades cristãs. 3. Santíssima Trindade. 4. Vida cristã. 5.
Conduta. I. Título.

23-83091

CDD: 248.4

CDU: 27-584

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Dedicatória



*Para que em tudo e por todos
seja louvada e amada a doce Trindade!*

Peregrinas e Peregrinos da Trindade

A Comunidade da Trindade tem sido um inestimável dom, sinal e instrumento do amor misericordioso e gratuito de Deus, que nos interpela e convida a peregrinar. Ela é aqui retratada, com leveza e profundidade, como “uma comunidade de peregrinos e peregrinas”, que busca “manter as portas abertas, acolher peregrinas e peregrinos da vida, e oferecer o calor humano da ternura”. Nestas páginas encontra-se o fruto de muitos anos de vivência da mística peregrina e trinitária, 11 anos vividos por Irmão Henrique, sozinho e a pé (1989-2000), e 22 descobrindo esse carisma em comunidade de peregrinas e peregrinos (2000-2022). Neste relato da Comunidade da Trindade, no Caminho, nas Ruas e no Eremitério, pulsam corações, abraços, mãos estendidas, passos peregrinos, muita fé e amor solidário. As narrativas e testemunhos suscitam ação de graças a Deus e gratidão à Comunidade pelo caminho percorrido, na esperança de alargar a caravana de peregrinos e peregrinas que acreditam na força transformadora da fraternidade “sem fronteiras”, como nos propõe o Papa Francisco, na sua carta encíclica Fratelli Tutti.

Este tempo da pandemia, com seus múltiplos desafios, tem se revelado um tempo privilegiado para a vivência do amor fraterno, principalmente do amor para com os pobres, os enfermos e por tantas pessoas fragilizadas, dentre as quais, aquelas que se encontram em situação de rua, necessitadas de especial atenção e afeto. A “mística peregrina e missionária” estimula a caminhar sempre, de coração e braços abertos, com a ternura da Trindade, acolhendo o outro como um irmão ou irmã a serem amados, reconhecendo as feições sofredoras de Jesus naqueles que têm a sua dignidade violada e vivem em situações de exclusão. O reconhecimento do mundo como “casa comum” onde habitamos e da humanidade como família à qual

pertencemos não se insere somente num horizonte mundial, mas se concretiza na comunidade local. Por isso, torna-se sempre mais importante a experiência de vida comunitária na realidade concreta em que se vive.

O peregrinar da Comunidade da Trindade é sinal e recordação de que somos Povo de Deus peregrino rumo a uma nova vida e a uma nova terra. Serve de estímulo para caminhar na construção de um mundo novo, de justiça e paz, onde todos sejam irmãos e irmãs. Numa sociedade marcada por tantas situações de exclusão e violência, a vida em comunidade se torna profecia, anúncio de uma nova terra, segundo o querer de Deus. Necessitamos formar sempre mais comunidades fraternas e acolhedoras, reflexo da Trindade Santa, que ilumina e anima o nosso peregrinar, especialmente quando nos dispomos a caminhar juntos.

Agradeço a Comunidade da Trindade pela presença e missão entre nós e pela feliz iniciativa desta publicação. Possa resplandecer sempre mais a vida trinitária na Comunidade e em toda a Igreja!

Dom Sergio da Rocha
Cardeal Arcebispo de São Salvador da Bahia

Sumário

PREFÁCIO

A Trindade Peregrina.....	11
----------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Os três Templos do Peregrino	15
A Humanidade peregrina.....	15
Jesus peregrino	16
A Igreja peregrina	16
Os três Templos do peregrino	18
<i>O Caminho.....</i>	<i>18</i>
<i>As ruas e seu Povo.....</i>	<i>19</i>
<i>O Eremitério.....</i>	<i>20</i>
<i>Caminho, Rua e Eremitério</i>	<i>21</i>
A Comunidade da Trindade.....	21

PARTE 1

A Comunidade da Trindade	23
O Chamado.....	24
Comunidade da Trindade no Caminho	27
<i>Retiros Peregrinos.....</i>	<i>28</i>
<i>Peregrinação na Cidade</i>	<i>35</i>
<i>Peregrinações.....</i>	<i>37</i>
<i>Trindade Peregrina... ..</i>	<i>39</i>
Comunidade da Trindade nas Ruas.....	45
<i>Igreja da Trindade</i>	<i>45</i>
<i>Os cinco Banquetes</i>	<i>46</i>
<i>Aurora da Rua</i>	<i>56</i>
<i>Levanta-te e anda!</i>	<i>65</i>
<i>Retiro e celebrações nas ruas.....</i>	<i>69</i>

<i>Celebrar na Rua</i>	73
<i>Ser discípulo, discípula</i>	75
Comunidade da Trindade no Eremitério	82
<i>Gabriel</i>	84
<i>Trindade do Mar</i>	87
<i>Poesias e hinos à Trindade de Ternura</i>	94
 <i>Peregrinando ao encontro da Trindade</i>	97
 PARTE 2	
Peregrino das Estradas	121
Peregrino no sofrimento da humanidade	121
Peregrino dos encontros	162
Peregrino com o povo peregrino	177
Peregrino nas primaveras da Igreja	191
De xadrez em delegacias	202
Um Natal com os pastores	233
 PARTE 3	
Peregrino das ruas e calçadas	237
“Vem dormir comigo...”	237
“Não é dar. Não é jogar, não. É repartir.”	252
No mistério de cada um	265
Povo da rua, Povo profeta	285
“Vamos fazer a Casa de Jesus!”	311
“Devemos orar onde a gente dorme: na rua”	322
 Índice das cartas	332

A Trindade Peregrina

“**J**unte-se à peregrinação por justiça e paz” é o título da mensagem final dirigida às Igrejas do mundo pela 10ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), realizada na cidade de Busan, Coreia do Sul, em 2013. Justiça e paz no mundo sempre foram objetivos básicos das igrejas, já que são pilares do reino de Deus. A mensagem da última Assembleia do CMI, no entanto, introduz um termo novo: “peregrinação”. O motivo é eclesiológico. Em primeiro lugar, o termo lembra que igrejas não podem acomodar-se. A realidade de dor, ódio, violência e injustiça desafia a que as igrejas, sempre de novo, se desacomodem e se ponham em movimento. Busca por justiça e paz não se dá no aconchego do lar ou do escritório ou mesmo do templo, mas na labuta cotidiana das ruas e dos caminhos. Ao pai da fé, Abraão, Deus deu a ordem: “Sai da tua terra para a terra que eu te mostrarei” (Gn. 12, 1). Como os grupos abraâmicos, também as igrejas devem estar em constante peregrinação em direção a um futuro de justiça e paz. Essa peregrinação não se dirige, primordialmente, a um lugar sagrado específico, mas a uma realidade futura. Além disso, importante não é apenas chegar a um determinado lugar, mas experimentar Deus no caminho. Ele se encontra nas ruas, à beira dos caminhos, entre as pessoas desarraigadas, excluídas e invisíveis ao olhar do poder e de grande parte da população, as pessoas consideradas inúteis pela economia de mercado. Na peregrinação percebe-se que Deus não se prende a um lugar, mas está a caminho, não somente ao lado do caminhante, mas também à sua frente, mostrando-lhe o futuro a cada passo.

Em segundo lugar, o termo peregrinação contém um elemento de provisoriedade. As igrejas não conseguem substituir o reino de Deus. Nunca conseguem dizer: “Chegamos aonde queríamos chegar!”. Elas permanecem estruturas humanas com todas as



suas imperfeições e limitações. Da mesma forma, nenhum sistema político poderá, em última instância, criar o reino de Deus de paz e justiça. Ele pode movimentar-se em direção a ele ou afastar-se dele, mas não substituí-lo. A consciência da provisoriedade de nosso falar e fazer como igrejas, movimentos e pessoas engajadas leva à humildade que se reconhece dependente da graça divina. Os poucos utensílios que se carregam na caminhada confirmam essa dependência do “inesperado de Deus” (p. 24 e 37 deste livro). Ao mesmo tempo, essa humildade abre nossos olhos para outras igrejas, movimentos, religiões, espiritualidade que não pensam nem expressam sua fé como nós, mas que também se encontram em nossa caminhada. Portanto, a peregrinação sempre é ecumênica.

A dimensão ecumênica também se encontra em outra singularidade vinculada à peregrinação. Ao contrário de um programa ou um projeto único para todas as 345 igrejas-membros do CMI, com suas diferentes estruturas e formas de viver e expressar a fé, a peregrinação convida as igrejas, movimentos e pessoas de fé a criarem trilhas próprias, de acordo com suas necessidades e dentro dos parâmetros de sua própria cultura. Desiste-se do conceito de unidade formal e estrutural e aposta-se na diversidade reconciliada e solidária. Pois o Espírito sopra de forma diferente nas diversas culturas humanas.

Essa convocação do CMI dialoga com a proposta do Papa Francisco quando conclama a igreja: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!”, e afirma que prefere uma igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento. A proposta de uma *Igreja em Saída* conclama cristãos e cristãs a se envolverem com a realidade esmagada do povo e a promoverem um encontro genuíno de esperança, no qual a palavra e o pão sejam repartidos e se tornem comunhão.

Tanto o CMI como o Papa, na verdade, buscam resgatar a experiência dos primeiros cristãos e cristãs que, antes de se enclausurarem em suas hierarquias, ritos e tradições, eram conhecidos como “os do caminho”, aqueles que, seguindo os ensinamentos de Jesus de Nazaré, não levavam nada e chegavam nas cidades anunciando a paz.



A Igreja da Trindade está inserida nessa peregrinação muito antes de Busan e da *Igreja em Saída* do Papa Francisco. Ela é um lugar de acolhida para os caminhantes cansados, um lugar de descanso para os que vivem nas estradas e ruas da cidade. Mas ela é também uma igreja que peregrina nas trilhas da justiça e da paz pelas ruas e becos da cidade. Ruas, calçadas, viadutos, pontes e marquises se transformam num segundo santuário (p. 19 e 45 deste livro). A partilha do alimento e do espaço para o pernoite e a vivência da comunhão fraterna e sororal são sinais visíveis do amor de Deus. E a oportunidade de cada qual poder trabalhar e contribuir para o bem comum representa a recuperação da autoestima e o resgate da dignidade humana, como atestam os comentários de “peregrinos” e “peregrinas” no presente livro. Mas o que mais chama a atenção na Igreja da Trindade é sua “espiritualidade peregrina”, que perpassa toda a atuação e vida das pessoas engajadas em seu projeto. Não por último, deve ser ressaltada a significativa contribuição da Igreja da Trindade para o diálogo ecumênico e inter-religioso em Salvador e na Bahia. Ela tem inspirado, com sua espiritualidade, eventos, encontros, congressos e programações do Conselho Ecumênico Baiano de Igrejas Cristãs. Na comunhão peregrina da Trindade temos partilhado a palavra, o pão e a esperança de que um dia justiça e paz se beijarão.

Que a obra que está em suas mãos também seja uma inspiração para a leitora e o leitor.

*Pastora Sônia Gomes Mota, IPU
e Pastor Nelson Kilpp, IECLB*





Introdução

Os três Templos do Peregrino

A Humanidade peregrina

A vocação peregrina, o “ser peregrino”, perpassa a história da Humanidade. A Humanidade nasceu peregrina, nômade. Mesmo sedentária hoje, ela guarda na sua memória suas raízes peregrinas.

Peregrinações e romarias estão presentes em todas as tradições religiosas e culturais. Elas nos lembram de que nós somos hóspedes e peregrinos nesta terra: nada nos pertence, mas tudo nos foi confiado. Elas nos convidam à confiança e à entrega, à simplicidade e ao despojamento. Elas são parábolas da peregrinação da nossa vida, do nosso nascimento até nossa morte, como da peregrinação interior que cada ser humano faz até o mais íntimo do seu coração.

Na tradição hinduísta, o peregrino Touka (1598~1650) escreveu uma coleção de mais de 4.000 salmos de peregrinos que até hoje são recitados nas inúmeras peregrinações na Índia. No budismo chinês, o monge Xuan Zang (602~664) peregrinou 15 anos em busca da Verdade. O Zen Budismo teve um dos seus grandes mestres, Tosui (século XVII), que abandonou mosteiro e discípulos, fez-se peregrino e viveu mendigo debaixo das pontes de Kyoto. Um dos cinco pilares do Islã, base da fé muçulmana, é a peregrinação à Meca, no túmulo do Profeta Maomé.

Na tradição judaica-cristã, o Povo de Deus nasce peregrino na sua longa travessia do deserto. “Não esqueça, ó Israel, todo o caminho que o Senhor teu Deus te fez percorrer...” (Dt. 8).

O ano judeu é ritmado pelas três peregrinações a Jerusalém. Os *Salmos do Peregrino* (Salmos 120 a 134) são cantados até hoje em toda peregrinação judia. A da Festa das Tendões relembra o tempo de peregrinação no deserto e os peregrinos dormem debaixo de tendas nas ruas.



Mas o próprio Deus se revela Deus-peregrino... Ele vai ao encontro de Abraão e Sarah. Abraão levanta os olhos e vê três peregrinos, três desconhecidos e forasteiros, que passam na frente de sua tenda. Como nômade e peregrino em busca da terra prometida, Abraão sabe do que precisam os peregrinos: lavar os pés, alimentar-se e descansar... Sua hospitalidade o faz oferecer aquilo que tantas vezes recebeu. E sem saber nem perceber, Abraão e Sarah acolhem quem eles procuraram “de acampamento em acampamento” (Gn. 12, 9 ~ Hebreus 13, 2)... Deus se revela no caminho, Um só Deus e Três Peregrinos, que vêm ao nosso encontro... (Gênesis 18, 1-8).

Na sua primeira teofania, Deus revela-se *Trindade Peregrina*.

Jesus peregrino

Em Jesus, nosso Deus Uno e Trino confirma e segue sua peregrinação com a Humanidade.

Após uma vida escondida em Nazaré, impulsionado pela Divina Ruah, Jesus escolhe o caminho do peregrino, indo a pé sem ter “nem uma pedra onde repousar a cabeça” (Mt. 8, 20), “sem levar nada para o caminho, nem pão nem dinheiro” (Lc. 9, 3).

Peregrino do Reino, Jesus percorre os caminhos esquecidos da “Galileia das Nações” (Mt. 28, 10) para anunciar: “O Reino dos Céus está próximo!” (Mateus 10, 7). Profeta peregrino, convive com os excluídos do seu tempo, fora da cidade, fora do Templo, à beira dos caminhos para “anunciar a Boa Nova aos pobres” (Lucas 4, 17-19). Ressuscitado, peregrina com os discípulos no caminho de Emaús ou à beira do Mar da Galileia (Lucas 24; João 21).

A Igreja peregrina

O cristianismo nascente só podia gerar peregrinos e peregrinas. Assim, a vocação peregrina perpassa toda a história da Igreja, sinal visível da “Igreja Peregrina” (Vaticano II, LG. 48-49) neste mundo.

Peregrinos e eremitas iniciaram no deserto, na solidão dos caminhos ou dos eremitérios, a vida monástica, que depois iria



tornar-se comunitária. Assim, no século III, o patriarca de todos os monges, santo Antão, deixou a grande cidade, Alexandria, seus bens e sua família, e peregrinou pelo deserto até encontrar o lugar do seu eremitério.

A maioria deles não foi nem conhecida nem reconhecida. Não deixaram neste mundo mais do que pegadas na poeira do caminho ou grutas inacessíveis abandonadas depois deles.

Uns poucos peregrinos são hoje lembrados, escapando do anonimato tão procurado e cultivado pela sua própria vocação. Mas são exceções: apenas nos lembram a multidão de peregrinos e peregrinas que seguiram os passos de Jesus, o Peregrino, e deixaram a Trindade Peregrina caminhar nos seus passos.

É o Peregrino Russo, eternizado pelos seus *Relatos* de peregrinação.

Muitas vidas peregrinas só foram reveladas depois de suas mortes por testemunhos e milagres. Assim aconteceu para o santo peregrino Bento José Labre, que viveu no anonimato nos caminhos da Europa ou nas ruas de Roma, onde faleceu no século XVIII. As crianças de rua acordaram a grande Roma para descobrir o santo peregrino e mendigo.

São os peregrinos são Roque, são Loudain ou santo Alexis, cuja identidade e história só foram descobertas depois de suas mortes.

Lugares de romaria nasceram de vidas peregrinas... No Brasil, Bom Jesus da Lapa, na Bahia, onde viveu o peregrino Francisco da Soledad, quando se fez eremita numa gruta; Santa Fé de padre Ibiapina, na Paraíba, onde descansou o peregrino da Caridade, padre Mestre Ibiapina; a capela do Menino Deus, na Ilha de Santa Catarina, construída pela peregrina beata Joana... No mundo, inúmeros centros de romaria surgiram de peregrinações: Anderlecht, Bélgica, onde faleceu são Guido depois de uma longa peregrinação; Castel San Peregrino, Itália, onde um desconhecido peregrino morreu de frio numa noite de inverno...

A história guardou a memória de outros peregrinos e peregrinas por terem fundado mosteiros, como os santos Armel ou Eusebio, ou que deixaram fundações diversas, como Joaquim, peregrino da Caridade, e a beata Joana no Brasil. Da vida de outros peregrinos nasceram famílias religiosas, como Francisco de Assis ou Inácio de Loyola.



Outros peregrinos foram conhecidos como “Loucos de Cristo”, como são Basílio, o abençoado, a quem a catedral de Moscou na Praça Vermelha é dedicada. Os santos Simeão de Emessa, Teodoro de Novgorod, Nicolas o Peregrino ou o peregrino Heimirad, que se deixavam passar por loucos por amor ao Cristo.

Peregrinos se tornaram eremitas, e eremitas deixaram seu eremitério para peregrinar. Assim as santas peregrinas e eremitas Peggy, Veridiana ou Cleridiona, os santos Henrique ou Monom.

Todo ser é peregrino nesta Terra... Hóspedes de passagem, Nômades do tempo, viemos sem nada e sem nada retornaremos... A vocação peregrina lembra à Humanidade, através da vida de poucas pessoas, a essência de todas: somos todos “estrangeiros e peregrinos nessa terra” (Hebreus 11, 13).

Os três Templos do peregrino

O Caminho

O peregrino vive por vocação no Caminho. É seu primeiro lugar de vida. É seu primeiro Templo.

Assumir o caminho como lugar de vida vai muito além de andar nele: é aprender a viver nele. Se nele peregrina, nele se descansa. Nos riachos se cuida da higiene e se lava a roupa. Frutas, capim ou até raízes alimentam o peregrino. Na sombra das árvores se lê, escreve, medita, como encontra o repouso merecido para o corpo cansado do caminho...

O peregrino caminha para orar. Sedento de Deus, ardente do Infinito, ele encontra no Caminho seu Templo.

Toda paisagem torna-se convite à contemplação: exuberância da Mata Atlântica ou grandiosidade das Chapadas, rios da Amazônia ou aridez do Sertão, pampas ou Pantanais... Sol, chuva ou neblina, frio, geada ou calor, brisas, ventos ou tempestades, pedra, poeira ou lama da estrada... em tudo o peregrino descobre e contempla o Belo: seu peregrinar é louvor do Criador.

Mas orar para o peregrino é muito mais... Pouco a pouco, a *Oração do Coração*, como ensinam o Peregrino Russo e os Padres do Deserto, torna-se sua oração permanente, a sua segunda



respiração. Ela desposa seu andar: cada passo torna-se uma invocação, o caminhar torna-se “oração em cessar” (1 Tessalonicenses 5, 17). O Mantra escolhido pelo peregrino canta dia e noite, noite e dia... Essa *Oração do Coração* leva a alma ao “Lugar do Coração”, como ensina a Filocalia. Partida e chegada se esvaziam, origem ou meta desaparecem... O “Lugar do Coração”, que não é nenhum lugar e todo lugar, só permanece.

Caminho, lugar de vida, templo de oração. Lugar também do encontro. Se o peregrino tem sede de silêncio, os encontros povoam sua solidão: um lavrador no campo, uma pessoa idosa no alpendre da casa, a ternura de uma mulher na água fresca oferecida, umas crianças a brincar... Todo encontro é divino quando o peregrino deixa a Trindade que nele habita encontrar Deus que habita no outro. Momentos sagrados, sarças ardentes de hoje à sombra do carvalho dos Três Peregrinos de Mambré...

É a segunda parte deste livro que relata encontros vividos no caminho: nas entrelinhas se desvela o caminho como Templo da vida e oração do peregrino. É o “Lugar do Coração” do peregrino...

As ruas e seu Povo

Ao chegar à grande cidade, o peregrino, sem onde dormir, sem alimento nem dinheiro, é acolhido pelo povo das ruas, andarilhos urbanos. “Vem dormir comigo”, convidou Roberto nas ruas de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. O peregrino simplesmente deixa-se convidar para partilhar a vida do povo da rua, dormindo no papelão, cozinhando debaixo dos viadutos, esperando nas filas da sopa, tomando banho nas fontes públicas...

As ruas da cidade e seu povo sofrido tornam-se seu segundo Templo.

Assim como Jesus, o Profeta Peregrino, não podia passar próximo de um sofrimento humano sem deixar-se tocar por ele, sem oferecer uma presença amorosa que alivia, assim o peregrino: desse convívio gratuito nas ruas nasce uma missão. Por sua simples e desarmada presença, o peregrino é sinal de uma ternura da qual vive, seja no caminho seja nas ruas. Ao abaixar-se e deitar no papelão, ao partilhar a noite das noites das ruas, ao enfrentar filas por um pãozinho ou uma sopa, ao catar na feira ou no lixo da socieda-



de, o peregrino expressa por sua vida a presença de Deus ao lado do seu povo. “Escutei o clamor do meu Povo...”. Seu ouvido atento lhe permite acolher a vida sofrida de quem o acolhe. E no silêncio de sua oração, ele oferece esse gemido inefável à ternura da Trindade. Ele descobre um povo profeta, pela vida do qual Deus fala, interpela e chama à conversão. É na rua, “onde nós dormimos”, que o peregrino deixa-se convidar à oração do povo da rua.

É a terceira parte deste livro: as ruas e seu povo revelam-se Templo para o peregrino.

O Eremitério

Existe um terceiro Templo para o peregrino... Quando duas pessoas que partilham a mesma vocação se encontram, uma comunhão nasce espontaneamente. Assim acontece entre peregrinos e eremitas: bebem da mesma fonte, a mesma água viva brota qual rio de seus templos.

Se o eremita escolhe retirar-se do convívio de alguns, o peregrino mergulha no coração do sofrimento de outros para ambos responderem ao mesmo apelo: interceder pela Humanidade inteira.

Um eremitério não é apenas passagem para o peregrino: é pouso e repouso. É a árvore frondosa onde se aninha antes de realçar voo.

O eremita guia o peregrino nos caminhos do lugar do coração. Ele o convida a esconder-se no segredo da Tenda (Salmo 27; 91), a adentrar-se nas fendas do rochedo (Ex. 33, 22 ~ 1 Reis 19), a fazer do seu peregrinar exterior sempre mais um caminhar interior.

O peregrino traz ao coração do eremita o perfume de outras solidões, a sinfonia de outros silêncios, a plenitude de outros vazios... Tal como um tecelão, seus passos tecem uma comunhão entre os eremitérios.

Cada um deixa sua taça transbordar, sacia a sede do outro, e se despede ainda mais sedento.

Cada um acolhe o outro no segredo da sua tenda, e quando a distância física os separa, um arco-íris os aproxima onde se encontram na oração do coração.

